E1E

ANO III NUM. 20

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

AGOSTO 1942

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

Razões da Independência

ELISEU LABORNE E VALE

ANDA A CHEGAR A SEMANA DA PÁTRIA.

NOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, QUER PRIMÁRIO, QUER NORMAL, CUMPRE AOS NOSSOS EDUCADORES APROVEITAR OS MOTIVOS HISTÓRICOS LIGADOS 'A MAIORIDADE POLÍTICA DO BRASIL, — COMO ELEMENTOS DE FORMAÇÃO CÍVICA DOS ALUNOS.

TRATANDO-SE DA MAIOR DATA NACIONAL — CHEIA DE EXPRESSIVAS EVOCAÇÕES, EM QUE REMEMORAMOS FATOS REVELADORES DE TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DA ALMA BRASILEIRA, — EM NENHUMA OUTRA OPORTUNIDADE ENCONTRARA' O EDUCADOR TÃO CONSIDERÁVEIS PARCELAS DE ESTÍMULO PARA UMA CAMPANHA CONSTRUTIVA E DE SENTIDO TÃO FUNDAMENTALMENTE PATRIÓTICO.

A INDEPENDÊNCIA, ANTES DE SER UMA REVOLTA CONTRA AS EXIGÊNCIAS DA CÔRTE DE ALÉM-MAR, FOI A AFIRMATIVA CLARA E INDISFARÇAVEL DE QUE, NO BRASILEIRO, SE FORMARA A CONCIÊNCIA DE "PÁTRIA" E "NAÇÃO".

NÃO FOI UM DESAGRAVO E, AINDA MENOS, UM ULTRAGE A PORTUGAL. FOI, PRECIPUAMENTE, A CONVICÇÃO EM QUE ESTAVAM OS BRASILEIROS DE QUE A PALAVRA DE COMANDO SO' PODERIA SER OUVIDA E ACATADA, SE NASCIDA NO BRASIL.

NÃO MAIS SE ENTENDIA A LÍNGUA VERSADA EM LISBOA.

A FACULDADE DE RACIOCINAR, DIRIGIR, PENSAR, TRABALHAR, AGIR E ANDAR POR SI AMADURECERA NO ESPÍRITO DO POVO.

DESTARTE, NÃO IREMOS AFIRMAR QUE A RAZÃO DE SER DA INDEPENDÊNCIA VEIO DE FORA. A CAUSA ESTAVA DENTRO DO BRASIL. ERA A MENTALIDADE REINANTE. ERA A IDÉIA, A NOÇÃO, O CONCEITO QUE CADA BRASILEIRO FAZIA DE SUA TERRA, DO SEU DESTINO E DO SEU FUTURO.

AS "CARTAS" FORAM A CAUSA OCASIONAL. MESMO PORQUE VISAVAM A COIBIR E NÃO PROVOCAR O MOVIMENTO CUJA RESSONANCIA IMPORTUNAVA OS OUVIDOS DE EL-REI E DAS CÔRTES.

SE NÃO FOSSEM ELAS, SERIA QUALQUER OUTRO ACONTECIMENTO. COM OU SEM O INCIDENTE DO IPIRANGA, A INDEPENDÊNCIA VIRIA COMO UM IMPERATIVO DO PENSAR, DO SENTIR, DO ESPÍRITO CÍVICO, DA NOÇÃO DE DIGNIDADE COM QUE JA' SE DISTINGUIA A GENTE DA TERRA DE SANTA CRUZ.

E', SEM DÚVIDA, NUM MOMENTO COMO ÊSTE, QUE RECLAMA DE CADA BRASILEIRO QUALIDADES EXCEPCIONAIS DE CORAGEM, PERTINÁCIA, RENÚNCIA, DEDICAÇÃO, ECONOMIA, PRODUTIVIDADE, ESPÍRITO DE INICIATIVA E, SOBRETUDO, ACENDRADO E ESCLARECIDO AMOR AO BRASIL — QUE MAIS VIVOS DEVEM FICAR NO ENTENDIMENTO E NA COMPREENSÃO DOS EDUCANDOS OS EPISÓDIOS DE 1822 — TÃO RICOS DE ENSINAMENTOS — VIBRANTE DOCUMENTAÇÃO DE QUANTO FORAM CAPAZES OS QUE NOS ENTREGARAM UM BRASIL LIVRE E INDEPENDENTE.

EDUCANDO

Sob os auspicios da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMARIOS DE M. GERAIS

ANO III | AGOSTO | NUM. 20

EXPEDIENTE

Direção e Redação
Marieta Leite
Gerência:
Leonilda Montandon
Zembla Pinheiro Chagas
Colaboradores diversos

Revista de orientação técnico-pedagógica

Assinatura - - - - - 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação - - - - 18$000
Número avulso - - - 2$500

Redação:
Rua Rio de Janeiro, 1278
Tel. 2-7993 - Belo Horizonte

SUMA'RIO

RAZÕES DA INDEPENDÊNCIA — Elizeu Laborne e Vale 479

CORRIGINDO UMA ORIENTAÇÃO — Padre Álvaro Negromonte 481

DOM PEDRO, DONA LEOPOLDINA — Manuel Casasanta 483

MARIA QUITÉRIA (*Para a nossa criança ler na "Semana da Pátria"*) 484

AS COMEMORAÇÕES CÍVICAS — L. S. Montandon 487

MINAS E O ENSINO TÉCNICO-ESPECIALIZADO — *Fábrica Escola "Candido Tostes"* 490

CAXIAS — (*Dados para o estudo de sua vida e obra*) 491

ODE AO DOIS DE JULHO — Castro Alves . . . 494

BANDEIRA — Djalma Andrade 495

JOSÉ CLEMENTE PEREIRA 496

POR QUE BARBACENA? 498

ECONOMIA 500

O CASAMENTO DO PRÍNCIPE ROTHISEN — (*Tradução*) — J. Jobim 501

IMPRESSA NA

GRAFICA QUEIROZ BREYNER LTDA.
AVENIDA AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

Corrigindo uma orientação

Pe. A. NEGROMONTE

A formação moral que damos aos nossos alunos é muito deficiente. Ainda estamos muito apegados aos processos intelectualistas de Catecismo antigo. Preocupamo-nos muito com fazer a criança aprender o catecismo — e pouco fazemos para que a criança viva o catecismo. — No entanto, é isto o essencial.

O pouco de formação que damos, parte mais de uma negação de vida que de uma afirmação de vida. Tomamos como ponto de partida o pecado envez de tomarmos o estado de graça.

Isto que, à primeira vista, pode parecer de pouca importância, porque sejam caminhos que levam ao mesmo termo, é, na realidade, um grave êrro, que temos urgência de corrigir.

E' cousa fácil de verificar. Perguntemos aos nossos alunos porque não devem desobedecer aos pais. Porque é pecado, responderão. E porque não devem furtar. Porque é pecado, dirão. E porque devem ir à Missa de domingo. Porque é pecado falhar. E se perguntarmos cousa mais profunda e essencial: — que é o estado de graça, êles nos dirão que é não termos pecado mortal.

Com isto, damos às crianças um sentido de fuga na vida cristã. Consiste em fugir. Sentido negativo, prejudicial.

Preocupamo-las com o pecado muito mais que com a virtude, com o demônio muito mais do que com DEUS. Procurando evitar o pecado fazemos dele o centro de nossa formação.

Não nos admiremos, pois, se assim conseguirmos apenas formar mediocrilades — cristãos tíbios, satisfeitos com o mínimo, contidos pelos limites do pecado, pelas compressões do temor, pelo mêdo do inferno. Ou se deformarmos as conciências com o espectro do pecado em cada canto, criando escrupulosos, levando a desequilíbrios e psicoses de fundo religioso.

Não nos admiremos se, chegadas às rebeldias da adolescência, essas crianças se cansam da religião que lhes ensinamos.

Não querem fugir, querem fazer e não lhes dissemos o que era preciso fazer, mas fugir. Não querem negar-se, mas afirmar-se — e lhe demos um sentido negativo da vida.

Não querem temer, mas amar — e só lhes ensinamos o temor de DEUS, quando teria sido tão mais construtivo o amor.

Em nossas lições entram constantes deformações da noção do pecado mortal, que nunca combatemos suficientemente.

Pensam muitos que fazendo de tudo uma cousa grave, conseguem as crianças corrigir-se. Engano. Conseguem apenas multiplicar as faltas graves, acostumando os pequeninos a viver em pecado e — que é ainda peor — dando-lhes a desgraçada impressão de que é impossivel viver permanentemente em graça. E assim estaremos formando dêsses miseráveis católicos que vivem o ano todo em pecado mortal, tranquilos como os santos não vivem na amizade divina — ou dos que se confessam na 1.ª sexta-feira, falham a Missa do domingo seguinte, e esperam a confissão do outro mês... para continuarem a mesma vida!

Temos pressa em corrigir esta orientação.

Partindo tão erradamente, não logremos modificar muita cousa em nosso Catecismo, apesar dos enormes melhores de processos didáticos, que já realizamos. O nosso ponto de partida é o estado de graça.

Partindo daí, orientaremos os pequenos que formamos para a vida na graça divina. Esta, a verdadeira orientação.

Assim damos um sentido positivo à vida cristã.

A criança sabe que vai viver e não fugir. Encaminhamos as almas para se unirem a DEUS e não para escaparem

de DEUS, por mêdo a seus castigos. Ligamos pelo amor — tanto mais velho mais forte — e não subjugamos pelo temor que se enfraquece com o hábito. Quando a criança chegar à adolescência, e se sentir dominada pelo desejo de amar e cheio de desprêzo pelo temor, não precisa fugir da religião — onde não aprende a temer, mas amar, onde a sua sêde acha em que se saciar plenamente.

Também não formaremos para a mediocridade espiritual. Abriremos caminhos para o infinito. A vida, em toda a sua plenitude, será a ambição das almas formadas nesta escola.

Então o desejo de progredir, o desgôsto com a rotina, a sêde de perfeição, o ideal da santidade serão os signos.

Para fixarmos tôda a vida na graça basearemos tudo no sentido de filiação divina. Somos, todos, os filhos de familia — a familia divina. DEUS é o Pai. — "Padre nosso"; a Igreja é a Mãe — "Santa Madre Igreja"; todos nós irmãos — Padre "nosso".

A vida de caridade fraterna será muito mais fácil. O dever do apostolado (A. C.) uma consequência natural. A união nas obras, uma legitima defesa. A obediência aos superiores, uma necessidade.

A doutrina nada padece com esta orientação, — como padecia com a anterior. Não deformamos a noção do pecado, apertando as conciências, impondo onus insuportáveis, mas damos uma liberdade de viver como filhos na casa paterna, a liberdade com que chamamos DEUS de Pai.

Um exame de conciência em nosso trabalho nos mostrará algumas faltas cometidas. Tomaremos preucações para evitá-las.

Corrigiremos os planos de lições, modificaremos os exemplos, as comparações que se baseavam na orientação antiga.

Faremos da vida na graça a grande preocupação: mantê-la, aumentá-la, irradiá-la.

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

FUNDADO EM 1886

AV. AFONSO PENA 1050 — FONE 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

Dom Pedro, Dona Leopoldina

Manuel CASASANTA

O IMPERADOR

Dom Pedro I é uma uma das figuras mais sugestivas de nossa história. Príncipe regente do Brasil, coube-lhe viver a hora de transição que se seguiu à derrota das águias napoleônicas e se assinalou pela dominadora influência das idéias absolutistas da Santa Aliança que Metternich soube tão bem encarnar. Reacionário por herança e liberal por vocação, relegou o modêlo de govêrno que os reis adotavam, para instituir, na jovem terra americana, o regime democrático, tantas vezes reclamado a preço de sangue.

A caminhada de Dom Pedro pela terra trai o encanto, a sedução e o colorido das cavalgadas de lanceiros, sob o clangor festivo das fanfarras.

O sr. Pedro Calmon que, com tanta simpatia e compreensão, lhe estudou a armadura de paladino, resume, lápidarmente, os passos de sua fulgurante jornada política: príncipe regente, aos 23 anos; imperador, aos 24; resignatário da coroa portuguesa, aos 28. Fundou um império. Restaurou um trono. Outorgou duas constituições. Combate e vence D. Miguel, seu irmão, que lhe usurpara à filha, princesa Maria da Glória, a coroa de Portugal. E é esta mesma filha, já então Maria II, quem lhe cinge ao pescoço de agonizante o colar da Ordem da Torre e Espada, símbolo da bravura e lealdade.

Marca a folhinha o dia 24 de setembro de 1834, quando, com 36 anos incompletos, morre o nosso primeiro imperador. Morreu onde nasceu, no palácio de Queluz, na sala de Dom Quichote, o senhor Dom Pedro I, do Brasil, Pedro IV, de Portugal, herói de duas pátrias e o maior homem de sua raça, no julgamento de Alexandre Herculano.

A IMPERATRIZ

Nascida em berço de rendas, na faustosa casa d'Austria, trazida ao Brasil pelo casamento, Maria Leopoldina a pouco e pouco se identificou com a terra, de que foi a primeira Imperatriz.

Dado o sinal de rebate para as lutas da Independência, mobilizam-se os patriotas, convergindo o pensamento e a ação para a cena empolgante em que o Brasil será declarado livre. E contam êles com a simpatia, a habilidade, a resolução da princesa. "Ela aconselhava, predizia ou opinava como uma estadista", depõe um historiador. Encoraja Dom Pedro a descumprir a imposição de regresso à Metrópole. Conspira com José Bonifacio no próprio Palácio da Boa Vista. Sob sua presidência, em 1.° de outubro de 1822, o ministério decide a viagem a São Paulo do "correio" Paulo Bregaro, para comunicar ao príncipe as últimas determinações das côrtes portuguesas. E, ainda, com letras de seu punho, insta o marido a que jogue por terra os laços e as côres da Metrópole.

Se a tudo isso se ajuntar a bondade, que sempre praticou, a linha impecável, que sempre teve, a dignidade de espôsa, que sempre manifestou, pode-se medir, numa vista de olhos, o valor desse nobre vulto de mulher que foi Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo.

Dos esponsais magníficos, com que a fidalguia do marquês de Marialva deslumbrou a côrte de Viena, à amargura e ao desespêro que lhe acompanharam a morte em 11 de dezembro de 1826, compôs a nossa Imperatriz um exemplo de virtude, fortaleza e altivez no sofrimento que a torna mais íntima ao coração do povo brasileiro.

Aqui sonhou, aqui viveu, aqui descansou na paz do Senhor a sereníssima senhora dona Leopoldina, "filha dos Cézares e irmã da esposa de Napoleão", como disse Armitage.

Maria Quitéria

(Para a nossa criança ler na "Semana da Pátria")

Foi no tempo das lutas pela "Independência".

D. Pedro já havia lançado a todo o Brasil o grito de "Independência ou Morte", mas algumas províncias brasileiras ainda vinham lutando contra os portugueses opressores.

E enquanto não fossem expulsas de todo o país as fôrças portuguesas, o Brasil não poderia sentir segura a sua liberdade.

Na Baía, as lutas foram longas e crueis.

As fôrças portuguesas atacavam pelo lado do mar e os brasileiros, refugiados no Recôncavo, estavam dispostos a vencer ou morrer pela liberdade da terra. Os patriotas baianos, reunidos na cidade de Cachoeira, organizaram um Conselho que deveria dirigir os combates e orientar os ataques.

Ora, êsse Conselho precisava de homens valentes e patriotas, e por isso mandava emissários a diversos pontos da província baiana, procurando todos os homens que pudessem alistar-se nas fileiras de guerra.

Certo dia, um dêsses emissarios chegou à fazenda do Rio do Peixe, de propriedade do velho português Gonçalves de Almeida.

O fazendeiro era rico. Tinha muitos escravos, muitas cabeças de gado e umas grandes plantações de algodão que lhe davam muito dinheiro.

Êle era casado pela segunda vez; do primeiro casamento tinha uma filha chamada Maria Quitéria de Jesús Medeiros.

Maria Quitéria era muito moça ainda, e delicada e gentil. Vivia feliz, a ajudar a madrasta nos trabalhos caseiros.

Quando o emissário do Govêrno chegou, Gonçalves de Almeida convidou-o para o almôço. 'A mesa, o emissário falou sôbre as lutas que os baianos estavam travando pela independência brasileira. Disse que o Brasil era grande e rico e não podia mais ficar escravo de nenhum outro país. Seus filhos deviam libertá-lo.

Gonçalves de Almeida não se entusiasmou com as palavras do emissário, e respondeu-lhe:

— Eu sou velho demais para as guerras; também não tenho filho para enviar. Poderia mandar um escravo: mas que interêsse poderia ter um escravo em lutar pela independência do Brasil? Só me resta, portanto, esperar com paciência o resultado desta guerra. Vença quem vencer... que hei de fazer?

Ao ouvir as palavras do pai, Maria Quitéria disse ao emissário:

— Eu sou brasileira, e sinto o coração a arder no meu peito.

Depois, dirigindo-se ao fazendeiro, disse:

— Meu pai, é verdade que não tendes um filho, mas lembrai-vos que as Baianas sabem manejar as armas de fogo. A causa da Pátria é nobre. Deixai-me ir empunhar as armas em tão justa guerra.

O velho fazendeiro respondeu:

— As mulheres fiam, tecem e bordam e não vão à guerra.

Maria Quitéria calou-se.

Depois que o emissário saiu sem levar nenhum soldado, ela dirigiu-se à casa de sua irmã casada que morava perto, e contou-lhe o que tinha acontecido.

A irmã lhe respondeu:

— Se eu não tivesse marido e filhos, corerria a alistar-me nas fileiras do Imperador.

Ao ouvir aquilo, Maria Quitéria decidiu-se. Mais que depressa tomou algumas roupas do cunhado e saiu. E como o pai estivesse de viagem para Cachoeira, afim de vender algodão, Maria resolveu ir atrás dele, às escondidas. E assim o fez.

Quando chegou perto da cidade, Maria Quitéria parou, embrenhou-se no ma-

to e vestiu-se de homem. E assim vestida, chegou a Cachoeira. Apresentou-se ao Comandante do regimento e, tendo mostrado que sabia muito bem manejar as armas, foi aceita como soldado.

Dentro de pouco tempo, fazia parte do batalhão de caçadores chamado "Voluntários do Príncipe D. Pedro". O povo pôs logo ao batalhão o nome de "Periquitos" porque os soldados usavam fardas com punhos e golas verdes.

A jovem guerreira do "Periquitos" tornou-se logo conhecida pela sua bravura. Todos depressa ficaram sabendo que ela era mulher, pois seu pai tudo fez para retirá-la das fileiras. Ela se mostrava, porém, tão corajosa e tão capaz, que todos a respeitavam como um soldado de grande valor. Tomava parte nos combates mais difíceis e sempre se portava como um herói como se fosse um velho soldado costumado a grandes batalhas.

Em 1823 Maria Quitéria já era cadete. Nessa ocasião, o govêrno baiano fêz-lhe presente de uma bonita espada.

Os comandantes das tropas elogiavam a sua intrepidez e valor. Nos livros oficiais, ela era citada por diversos feitos de bravura, como o de Pirajá, onde Maria Quitéria atacou e tomou uma trincheira inimiga, trazendo, ela mesma, dois prisioneiros para o acampamento brasileiro.

Finalmente, a 2 de Julho de 1823 os brasileiros venceram os portugueses na Baía. Estavam terminadas as lutas pela Independência do Brasil.

Neste dia, Maria Quitéria, marchando com seu batalhão, sob o comando geral do General Lima e Silva (Caxias) entrou na Capital da Baía. Foram recebidos com música, discursos, flores.

As religiosas do Convento da Soledade fizeram-lhes grande festa. E nesse momento, as freiras colocaram, sôbre a cabeça de Maria Quitéria, uma coroa entrançada de folhas verdes e flores do cafezeiro.

Terminada a luta, Maria Quitéria embarcou para o Rio de Janeiro. A sua presença na Côrte foi um sucesso: o seu curioso uniforme militar, — calça, saiote de lã, quepi e espada —, o distintivo dos "Voluntários do Príncipe" e a sua fama de grande coragem, tudo despertavação atenção na Côrte Imperial.

D. Pedro I recebeu-a em audiência especial e colocou, em seu peito, o distintivo dos "Cavalheiros da Imperial Ordem do Cruzeiro. Depois, baixou o seguinte decreto, concedendo-lhe o sôldo de alferes:

"Fazendo constar na minha imperial presença o Comandante em Chefe do Exército Pacificador da Baia, o decidido valor, denodo e intrepidez com que Maria Quitéria de Jesús, natural daquela província, se alistara nas fileiras do exército, para debelar os inimigos da Pátria, e se distinguira em ocasiões as mais arriscadas de combate, em que sempre se portara heroicamente; e por quanto feitos tais merecerão um lugar distinto na minha imperial consideração; hei por bem conceder à referida Maria Quitéria de Jesús o sôldo de alferes de linha pago na sua respectiva província."

Uma senhora inglesa que naquela época estava no Rio de Janeiro, desenhou o retrato de Maria Quitéria vestida de soldado.

Terminada a campanha, a heroina voltou calmamente para o seu lar. Retomou as suas vestes de mulher e continuou a mesmo jovem de modos modestos, gentis e amáveis.

Mas nós, brasileiros, nunca nos esquecemos e nunca nos esqueceremos da bravura e patriotismo de Maria Quitéria de Jesús.

(*) *Baseado em "Grandes vultos da Independência" — Affonso de Taunay*

... nunca apelei, em nome da Patria, para os brasileiros, que, na vanguarda de seus defenssores, não visse formados os Jovens, vibrantes de entusiasmo, dispostos aos maiores sacrificios.

GETULIO VARGAS

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Livre docente de Clinica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrícia

•

RUA SÃO PAULO, 692 — TELEF. 2-1697

LABORATORIO VERITAS

Química e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOSCI
PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Av. Afonso Pena, 610 - Salas 608 e 610, 6.º andar e Ap. 1 do 7.º andar - Telef. 2-3333 - Edificio Cruzeiro

Caixa Postal, 149 - Belo Horizonte

CONSOLAÇÃO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

ORGÃO DA CONFRARIA DE N. S. DA CONSOLAÇÃO

•

ASSINATURA 10$000 — NUMERO AVULSA 1$000

Redação Avenida Amazonas, 1803 • Belo Horizonte

AS COMEMORAÇÕES CÍVICAS

L. S. MONTANDON

Cívica, é a educação que mais fizer pelo aperfeiçoamento do indivíduo como homem físico inaelectual e moral para o exercício das suas funções como homem social ou cidadão."

Uma das preocupações do professor de hoje é a organização dos auditórios cívicos. As datas nacionais aí estão a reclamar, todos os anos, uma comemoração digna e patriótica.

Como, porém, dar maior brilhantismo e significação a tais festas, perguntam muitos professores, se o repertório de poesias, canções e hinos patrióticos é tão escasso e difícil?

E nessa ânsia de apresentar algo de novo e interessante, perdem os organizadores dos auditórios um tempo precioso. E o resultado de todo êsse trabalho nem sempre é compensado. O auditório decorre monótono, as crianças se mostram irriquietas e indisciplinadas e dos fatos históricos, cantados em prosa e verso, nada mais ficou senão a lembrança de algumas horas de intenso aborrecimento.

E' comum ouvir-se de lábios infantis essa crítica irreverente a uma solenidade cívica, que talvez tenha custado à professora, horas e horas de trabalho e cansaço: "Que festa comprida e cacete! Estava aflito para que acabasse. Não gosto de auditórios!"

E nós que temos organizado e assistido dezenas de auditórios cívicos, sabemos quanta verdade encerram essas palavras sinceras e espontâneas.

Raras são as comemorações cívicas que atingem os seus elevados objetivos e mais raras, ainda, as que agradam às crianças.

Em geral os programas dessas solenidades veem sobrecarregados de discursos, palestras, poesias patrióticos, na maioria incompreensíveis ao entendimento infantil, incapazes de produzirem uma emoção real, que impressione o coração e a mente do educando, despertando nele o zêlo e o amor pela pátria.

Querer prender a atenção das crianças em assuntos que não as podem interessar, porque nenhuma significação encerram para elas ou porque estão acima de sua compreensão, é empreender trabalho absurdo e improfícuo. E' desvirtuar as importantes finalidades da educação, falseando o caráter do educando que se habitua a repetir sem convicção e, portanto, inconcientemente, os fatos que deveriam provocar-lhe uma emoção salutar e estimuladora de nobres e dignas ações.

Não vai longe o tempo em que as festas cívicas se constituiam de uma verdadeira salada de cousas impróprias e ridículas. Depois de um discurso abrasado de patriotismo bombástico, vinha uma cançoneta de letra bem pouco educativa; a uma poesia homérica seguia-se um bailado ou uma dansa qualquer, bem pouco edificante. E assim, numa organização caótica e pouco pedagógica, arrastava-se o auditório...

Hoje, felizmente, um novo espírito, uma nova orientação começam a dominar em nossas escolas, varrendo tudo quanto possa prejudicar a formação moral das nossas crianças. Uma compreensão mais inteligente de suas responsabilidades no preparo do futuro cidadão conduz o professor moderno na prática do seu mister de educador. Resta-nos, entretanto, saber se todos aqueles que militam no magistério teem agido, sempre, com discernimento e eficiência, para fazer de seus alunos homens dignos, patriotas esclarecidos, servidores leais do nosso regime político nacional. As aulas de história pátria, os

auditórios cívicos e demais atividades escolares evocarão, realmente, visões patrioticas, concorrendo para fazer surgir, forte e indestrutível, no coração dos alunos os sentimentos de brasilidade, o conhecimento justo do valor das nossas cousas e da nossa gente, a conciência, enfim, do papel que terão de empenhar mais tarde, no cenário politico da Nação?

Não basta, pois, que se organizem auditórios, que se cantem hinos, que se declamem poesias ou se profiram discursos, para acender no peito das crianças a centelha viva do amor à Pátria. E' sobretudo necessário dar-lhes a compreensão exata de seus deveres cívicos, despertar nelas um interêsse profundo pelo passado histórico da Pátria, creando uma atitude de respeito, simpatia e admiração pelos grandes vultos que tanto a dignificaram; é necessário interessá-las pelos grandes problemas da vida nacional, de modo accessivel às suas jovens inteligências. Nesse sentido, irá o professor dia a dia, preparando um vasto e interessante material para as solenidades cívicas. Não lhe faltarão, nunca, números e motivos para apresentar em tais oportunidades. Ao invés de auditórios improvisados, vazios de sentimento e sentido, teremos, então, verdadeiras aulas de civismo, cheias de calor e de patriotismo.

Uma comemoração cívica deve ser simples, solene e curta. Os hinos e poesias patrióticas, devidamente escolhidos à altura do entendimento infantil; a narração singela e viva do fato histórico; a sua dramatização inteligente; a apresentação de um trabalho relativo ao assunto, realizado em classe com interêsse e carinho, tudo isto constitue um repertório rico de significação e de ensinamentos proveitosos.

Um fator necessário para o êxito de qualquer auditório é a participação ativa e interessada dos professores. Nada mais chocante, numa solenidade qualquer que a atitude alheia e indiferente de alunos professores. Não cantam, não vibram, não sentem. E essa atitude fechada e fria age sôbre as crianças de modo prejudicial, arrefecendo-lhes o entusiasmo e fazendo-as considerar como menosprêzo o ato solene que alí se realiza.

'A luz de exemplos práticos procuremos analisar certas falhas que ainda perduram nos meios educacionais e trabalhemos para melhorar, cada vez mais, a realização de toda e qualquer atividade educativa.

Com êsse propósito, descrevemos aqui, dois auditórios comemorativos da nossa Independência e que revelam perfeitamente o efeito moral provocado nas crianças que o assistiram.

Em um deles o programa executado foi o seguinte:

I — Abertura da sessão.
II — Hino Nacional.
III — Preleção sôbre a data
IV — Biografia de Pedro I
V — Biografia de José Bonifácio
VI — Poesia — "Ipiranga".
VII — Poesia — "7 de Setembro".
VIII — Palestra sôbre a data por um aluno do 4.° ano.
IX — Hino da Independência
X — Encerramento da Sessão.

Como se vê, os números do programa parecem bem escolhidos, bem unificados, deixando entrever uma realização eficiente.

Entretanto, eis como decorreu, realmente, o auditório.

Alunos amontoados numa sala apertada. Calor abafante. Professoras impacientes procuram reprimir os movimentos de desordem e indisciplina que vão pelas fileiras, num crescendo assustador.

Aberta a sessão, ouvem-se os primeiros acordes do Hino Nacional que logram abafar o vozerio que vai pelo recinto. Após o hino, a professora X. inicia a sua palestra. E' uma bela peça oratoria que revela o gráu de cultura da oradora.

Mas, que pena! As crianças não a escutam. Recomeçam as conversas que vão aumentando de intensidade. E' que aquela palestra não foi feita para elas. O vocabulário dificil, as imagens muito elevadas para as suas inteligências, não chegam a impresionar-lhes o espirito e o coração. Nem mesmo as poesias declamadas enfaticamente pelos colegas, conseguem acalmar a sua inquietação. Também os versos falam de uma linguagem obscura e desconhecida aos seus ouvidos.

"Salve Ipiranga, glorioso ninho
Donde, expandindo os vôos altaneiros
No espaço por insólito caminho
O gênio tutelar dos brasileiros,
De cativeiro atroz rude e resquinho,
Quebrou sem custo os elos derradeiros..."

E as biografias, então? Que calamidade! Numa cópia apressada, tirada do primeiro livro encontrado, ou talvez, quem sabe, fornecida já pela profesora, são apresentadas numa leitura confusa, cortada e sem sentido...

O fim da sessão é recebido com suspiros de alívio pelas professoras e francas manifestações de alegria da petizada ansiosa por debandar-se.

Durante uma longa e extenuante hora, falou-se sobre a Pátria estremecida, e seus heróis. E, podemos quasi garantir, nedum sentimento de compreensão e entusiasmo cívico vibrou naquele ambiente tão artificial.

Em outro grupo a cena passou-se de maneira diferente.

O programa foi o seguinte:

I — Hino Nacional.

II — Palavras da diretora sôbre a solenidade.

III — Dramatização de algumas passagens históricas do fato a comemorar.

IV — Hino da Independência.

A primeira preocupação dos organizadores do auditório foi bem dispor as crianças no pátio para que ficassem confortàvelmente instaladas.

Cantado o hino, a diretora explicou de modo simples sem preocupação de impressionar aos adultos presentes, sôbre o fim daquela solenidade, predispondo, assim, os pequenos assistentes para assistirem com atenção as cenas que iam se desenrolar.

Seguiu-se a dramatização, focalizando os principais fatos da Independencia.

Não houve interpretação exagerada e nem ridícula como algumas vezes acontece nas dramatizações de fatos históricos.

O silêncio e a atenção das crianças bem atestavam o gráu de interêsse com que acompanhavam as cenas representadas.

Documentando essa impressão, transcrevemos um diálogo surpreendido entre um aluno e a diretora:

— A senhora vai repetir a festa, não vai?

— Você gostou tanto assim?

— Gostei! Da outra vez vou trazer o papai e a mamãe.

O valor de um auditório, é bem que se diga, não se mede somente pela impressão que provoca, mas, principalmente, pelo trabalho realizado no período de sua preparação. E' justamente nesta fase preparatória que as crianças ganham conhecimento do fato histórico, através de leituras, conversas, discussões e estudo dos personagens que vão representar, identificando-se com os seus sentimentos e ideais. A notícia e comentário de uma comemoração, feita com habilidade e inteligência, em todas as classes, provocam o interêsse das crianças preparando-as para compreenderem e sentirem os acontecimentos que vão ser rememorados na solenidade a realizar-se.

Portanto, os programas das comemorações cívicas não devem ser improvisados e nem submetidos a ensaios formais, mas constituirem matéria de estudo durante o horário escolar, numa correlação estreita com as outras disciplinas. Uma poesia patriótica, por exemplo, escolhida para figurar num programa cívico, deve ser estudada em classe, interpretada, comentada, compreendida nos seus sentimentos, no seu valor literário. Depois, virá o seu estudo para ser declamada de acôrdo com a arte de dizer. E, assim preparado, o auditório cívico terá uma outra significação, um outro valor, despertando impulsos patrióticos concientes e bem orientados para um ideal de civismo sadio e construtor.

A palavra do professor não transmite apenas conhecimentos e noções do mundo exterior... Desperta nas almas jovens o impulso heróico e a chama dos entusiasmos criadores

GETULIO VARGAS

MINAS E O ENSINO TE'CNICO-ESPECIALIZADO

FABRICA-ESCOLA "CANDIDO TOSTES"

Estado de expressão pecuarista, Minas Gerais encaminha a solução racional de todos os problemas que interessam a êsse setor de sua Economia.

O desenvolvimento da indústria do leite, por exemplo, exige desde a seleção do gado e seu tratamento, até a entrega do produto lácteo ao consumo, diversas medidas que se completam em série: a ordenha, mecânica ou manual, o acondicionamento adequado, o transporte higiênico da materia prima, sua conservação, a extração do creme e outras operações para cujo êxito são indispensáveis operários especializados e maquinários eficientes.

Com a criação de Fábricas-Escolas, teve o Govêrno em vista a formação sistemática de técnicos cujo concurso na atividade industrial de lacticínios assumia importância cada vez maior, porque a qualidade do produto constitue , logicamente, um fator de êxito para assegurar os mercados de consumo e elevar o rendimento econômico dos produtores.

A Escola Profissional e Industrial "Cândido Tostes", instalada em Juiz de Fóra há pouco mais de dois anos, ministra o ensino teórico e prático relacionado aos trabalhos de preparação do leite e à fabricação dos produtos de que êle é matéria prima, funcionando simultaneamente como escola, fábrica e entreposto.

Paraninfando a primeira turma de técnicos lacticinistas alí diplomada em 1941, após um curso de especialização, o sr. Israel Pinheiro, ex-Secretário da Agricultura do Estado, acentuou que "os 45 milhões de quilos de manteiga e queijo fabricados em Minas dizem com eloquência o que significa para o seu progresso a indústria de lacticínios, que não é uma experiência ou uma promessa platônica, mas uma conquista já secular, radicada nos nossos costumes e responsável por uma das mais poderosas fontes de nossa expansão industrial." Referiu-se, também, ao espírito objetivo do Governador Benedito Valadares relativamente à criação das Fábricas-Escolas, acentuando textualmente que "possibilitam a passagem da mão de obra rudimentar à complexidade da máquina, removendo pela demonstração objetiva a desconfiança e incredulidade ambientes. Nas Fábricas-Escolas, pelo trabalho permanente e obrigatório, o operário, o chefe de fabricação e o técnico conseguirão, assistidos pacientemente pelos mestres, assimilar os processos modernos, realizando, em síntese, a evolução que outros povos, que cedo começaram, conseguiram naturalmente."

Por outro lado, já se salientou, com razão, que não basta contar com matéria prima abundante e de boa qualidade. E' indispensável saber manipulá-la, dando-lhe uma industrialização adequada. Foram estas as considerações que influiram na resolução do Govêrno quando instalou a Fábrica-Escola "Candido Tostes", em Juiz de Fóra.

Dois objetivos principais influiram em sua criação: formar equipes de especialistas em lacticínios e obter os fermentos próprios para os diferentes tipos de queijos. Os especialistas determinarão um novo surto na indústria da lacticínios, porque ficarão senhores dos mais modernos processos de fabrico. Os fermentos libertam-nos da dependência do estrangiero e abrem novas possibilidades a esta indústria.

A Fábrica-Escola "Candido Tostes" acha-se dotada de um aparelhamento completo e dos mais modernos de toda a América do Sul. A orientação técnica e administrativa rege-se pelos melhores princípios da técnica e da experiência dos paises mais evolutidos neste ramo industrial.

Os resultados mais evidentes podem apurar-se pela aceitação que obtém os produtos fabricados no estabelecimento. Só o mercado do Rio de Janeiro absorve toda a produção da modelar Fábrica-Escola. Êsses produtos são vendidos diretamente ao consumidor, de forma que o maior número possa aferir do gráu de progresso e deperfeição a que atinge a industrialização lacticinista em Minas Gerais.

CAXIAS

(Dados para o estudo de sua vida e obra)

Luiz Alves de Lima e Silva que mais tarde iria ser o grande Duque de Caxias, nasceu no Rio de Janeiro em 1803. Seu pai era Marechal de Campo (Francisco de Lima e Silva).

Com 5 anos de idade, Luiz assentou praça no 1.° regimento de infantaria. Com 15 anos foi promovido a alferes. Até aquí as glórias de Luiz foram mais devidas a seu pai, velho e bravo marechal e seu avô também valente militar.

Daquí por diante, no entanto, o rapaz já começa a mostrar que tem alor por si próprio. Faz o curso da Real Academia Militar do Brasil e, ao terminá-lo, recebe o pôsto de tenente e é transferido como ajudante, para o novo batalhão do Imperador.

No batalhão do Imperador principiaram as campanhas do jovem tenente Luiz Alves da Silva. Êle contava, então, 20 anos de idade. Estava-se em 1823.

Nessa época o Brasil lutava, em muitas das suas províncias, para consolidar sua Independência já politicamente feita com o brado de 7 de setembro de 1822. A Baía lutava bravamente contra o cêrco do general português Pinto Madeira. O batalhão de Luiz Alves de Lima é mandado para a Baía.

Lá chegado, o jovem tenente entra logo em dois grandes combates, depois de ter, à frente de uma companhia, tomado uma casa forte. Portou-se com tanta bravura e competência que seu comandante recomendou-o ao Imperador, junto com mais dois militares (capitães Galamba e José Crisóstomo) por esta forma:

"Êstes oficiais desempenharam magnificamente as diferentes comissões de que foram encarregados, a sua bravura e habilidade concorreram muito para o bom êxito das operações e devem merecer em primeiro lugar a alta consideração de S. M. Imperial".

A estréia na vida dos combates foi seguida da primeira recompensa: Luiz Alves de Lima e Silva recebe o distintivo do hábito do Cruzeiro, o que era uma grande distinção naquela época e, logo depois vai a capitão.

Pacificada a Baía, o novo capitão é mandado a combater no sul do país, onde surgira a revolta conhecida pelo nome de campanha do Cisplatina, onde a província braslieira, apoiada pela Argentina, lutava pela separação. O exército brasileiro ocupava Montevidéo e Lima e Silva aí se porta com grande denodo. Conta-se, dessa época, o seguinte:

O comandante inimigo mantinha um barco no Rio da Prata e que, armado de canhões, atacava, à noite, todas as embarcações que levavam mantimentos e armas para o exército brsileiro.

Era indispensável acabar com aqueles ataques e Lima e Silva se dispõe a isso. A emprêsa era arriscada, mas o capitão era valente, ousado e sábio. A embarcação estava para lá das linhas inimigas e coberta pelo fogo delas. Era preciso agir com tal rapidez que não desse tempo para a vinda de auxílio. Foi o que fez Lima e Silva.

Uma noite, à frente de um punhado de homens, êle atravesa a galope as linhas dos orientais, caíu inesperadamente sôbre os 50 homens da guarnição, aprisionou-os, apoderou-se da embarcação e rregressou para o seu campo são e salvo. Foi uma surpresa para o inimigo. Ao dar acôrdo de si, estava a guarnição presa e o barco em nosso poder.

'A vista dêsse e outros feitos na Campanha da Cisplatina, ele recebeu a Comenda de Aviz e foi promovido a major. (Isto em 1828).

Em 1829, Lima e Sila estava à testa do 2.° comando do batalhão do Imperador. A 7 de abril, recebe ordem de se reunir aos seus companheiros do Campo de Santana (Rio).

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Quando vem a abdicação de Pedro I, a desordem toma conta de todas as guarnições militares do Rio. Lima e Silva, então, juntou todos os oficiais e formou um batalhão para manter ordem na cidade.

Em 1832 derrotou os revoltosos da revolta *abrilada*.

Em 1839 já era coronel. Quando rebentou no Maranhão a revolta dos *Balaios*, foi mandado para lá. A província do Maranhão estava inteiramente desorganizada e anarquizada. Nomeado governador da província e comandante em chefe das tropas contra os *Balaios*, Lima e Silva teve de fazer verdadeiras proezas como administrador e militar.

Esta campanha teve grande número de combates sanguinolentos, mas em todos êles, sempre comandados por Caxias, as fôrças do Govêrno Imperial saíram vitoriosas. Em menos de 1 ano, estavam pacificados Maranhão e Piauí e Caxias pôde governar em paz. Agradecida por tê-la livrado do horror da guerra, a província do Maranhão nomeia Caxias seu representante junto ao govêrno Imperial. E assim, em julho de 1841, Lima e Silva estava de volta ao Rio, já feito, pelo Imperador, Barão de Caxias.

Mas ainda não estavam findas as pelejas. A revolta surgiu, agora, em São Paulo e Caxias é imediatamente enviado para lá, com nomeação de 1.° vice-presidente da província de São Paulo. Com 2 batalhões e 400 recrutas êle galgou a Serra do Cubatão e em poucos dias entrou em São Paulo. Os rebeldes foram tomados de surpresa e Caxias, em pouco mais de dois meses deixava São Paulo inteiramente pacificada.

Quarenta e oito horas depois de regressar de São Paulo, tem que partir para Minas. E' que em Minas Gerais também havia uma revolta. (1842). Os rebeldes em número de 2.000, tinham vencido as forças do govêrno em Queluz e já partiam para a Capital (Ouro Preto). Caxias foi nomeado comandante em chefe das fôrças que iam combater os rebeldes. Êle marchou apressadamente sôbre serranias difíceis e conseguiu entrar em Ouro Preto antes do inimigo. Êste fugiu para Sabará e Santa Luzia e, perseguido por Caxias, foi derrotado (20 de agosto de 1842).

Nessa época o Imperador nomeia Caxias seu ajudante e dá-lhe o pôsto de Marechal de Campo.

Mas, no Rio Grande do Sul, a revolução chamada dos Farrapos tinha tomado proporções enormes. Ela havia começado em 1.c de maio de 1835 e as fôrças legais não tinham ainda conseguido pacificar a província. Os rebeldes queriam que o Rio Grande se separasse do Brasil e, auxiliados por estrangeiros procuravam até invadir outras províncias como a de Santa Catarina que fôra assaltada em 1839, pelos italianos Canabarro e Garibaldi.

Caxias teve de correr para lá. Foi nomeado comandante das fôrças a 28 de setembro de 1842. Chegando a Pôrto Alegre, tratou logo de reorganizar as tropas que se achavam desanimadas e desorganizadas, cortou despesas inúteis e aproveitou, do melhor modo possível, os fracos recursos de que dispunha para combater os rebeldes que eram fortes. Muito hábil em estratégia, Caxias conseguiu chegar a S. Lourenço, sem disparar um tiro. Daí começou os seus ataques. que foram muitos e todos vitoriosos para êle, até sufocar completamente a revolta, no ataque de Porongos (1 de março de 1845).

No dia 2 de março, no meio do grande entusiasmo do povo, o Barão de Caxias entra em Bagé, sob arcos de triunfo. Sua marcha até a Capital (Pôrto Alegre) foi uma ovação esplêndida, acompanhada das bênçãos de todas as famílias que finalmente descansavam de um martírio de dez anos.

Em Pôrto Alegre foram tão esplêndidas as festas em honra do heróico pacificador da província como não há memória, nem antes nem depois, de outras iguais.

E' que o Rio Grande estava realmente pacificado. Caxias tinha se imposto a todos, até aos próprios adversários. Todos, rebeldes e legalistas, exprimiram solenemente o desejo de que o bravo militar continuasse na presidência do Rio Grande.

Caxias jamais oprimia ou humilhava os inimigos, não tolerando aos seus soldados a prática de nenhuma violência.

O povo do Rio Grande ficou tão grato ao seu pacificador que, na época pa-

ra eleição de senadores, o eleitorado da província quasi todo, votou em Caxias.

Pacificando o Rio Grande do Sul, evitando o desmembramento do Império brasileiro, preparou Caxias a época em que o Brasil, livre de lutas internas, deveria demonstrar sua pujança perante o estrangeiro. Estava reservado ao mesmo general agarrar nesse pavilhão auri-verde a cuja sombra abrigara irmãos dissidentes, e com êle triunfante percorrer as capitais da América Meridional do Atlântico: Montevidéo, Buenos Aires e Assunção.

A notícia da pacificação chegou à côrte no meio das cerimônias da Semana Santa. Por isso, não houve no Rio manifestações ruidosas. Mas, no sábado da Aleluia foi entoado, na Capela Imperial um "Te Deum" em ação de graças pela pacificação do Rio Grande.

O Imperador e a Imperatriz logo se prepararam para visitar os povos brasileiros que, no extremo do país, haviam lutado por quasi dez anos em pról de sua integridade.

Agora, acompanhemos Caxias em defesa da honra e dos interêsses da pátria em frente a países estrangeiros.

Em 1851, o Brasil é obrigado a defender-se dos ataques de D. Manoel Rosas, ditador de Buenos Aires. Rosas auxiliava Oribe que havia nove anos sitiava a praça de Montevidéo e fazendo, com isto, sofrer a província do Rio Grande do Sul. Caxias, à frente de 16.000 homens, entra no território uruguaio, une-se às forças contrárias a Oribes e êste é obrigado a render-se.

Em 1855 foi confiada a Caxias a pasta da Guerra. Nêsse pôsto êle muito fez pelo nosso exército.

Depois, a guerra com o Paraguai (1856), a maior sustentada pelo Brasil.

Nos dois primeiros anos desta guerra, Caxias nada fez. A tríplice aliança não permitiu que o comando geral das forças lhe fosse entregue. Mas dois anos depois, em que se sofreram revezes e nada se adiantou, confiou-se finalmente a Caxias a direção geral das fôrças, o que mudou por completo a face da campanha (outubro de 1866).

Primeiro, êle tratou de organizar as forças, cortar muitos abusos e estabelecer disciplina. Depois, iniciou a execução de ótimo plano de campanha, visando a encurralar Lopez. Caxias fez, nessa ocasião, as mais arriscadas e inteligentes manobras, atacando o inimigo por todos os lados e cortando-lhe todas as retiradas. Entre outras conta-se a passagem da ponte de Itororó, passagem que Caxias, em pessoa, se pôs à frente dos soldados, atacou o inmigo e destroçou-o em Avaí e seguiu para Lomas Valentinas, onde Lopez estava com o resto do seu exército.

Aí se feriu a renhida e decisiva batalha de 21 a 27 de dezembro, em que Caxias se manteve 36 horas seguidas a cavalo.

O ditador paraguaio Lopez fugiu para os sertões do país. Dois dias após a guarnição de Angustura capitulava, e estava desimpedido o caminho de Assunção.

Os seus últimos anos de vida, passou-os Caxias a prestar serviços à pátria como senador; como Conselheiro do Supremo Militar de Justiça e, mais tarde, como Ministro da Guerra (1875).

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1880. Nessa cidade existe, feita pelo escultor Bernadelli, um belíssimo monumento ao bravo militar, representante máximo das glórias do exército brasileiro.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

E. VILHENA DE MORAIS (Do Inst. Histórico) — "Caxias" Apontamento para a História do Duque de Caxias, por Eduardo Berlink. — Ed. Briguiet — 1934.

JÔNATAS SERRANO — Epítome de de História do Brasil — Ed. Briguiet — 1933.

Enciclopédia e Dicionário Internacional — Ed. W. M. Jackson — Volume IV.

A hora é de ação clara e direta, de realizações úteis, de trabalho fecundo.

GETULIO VARGAS

ODE AO 2 DE JULHO

Era no Dois de Julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Baía...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
— Neste lençol tão largo, tão extenso,
Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
— Qual dos gigantes morto rolará?...

Debruçado do céu.... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado!
Era o circo de Roma — o vasto chão!
Por palmas — o troar da artilharia!
Por feras — os canhões negros rugiam!
Por atletas — dois povos se batiam!
Enorme anfiteatro — era a amplidão!

Não! Não eram dois povos que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,
A liberdade — em frente à escravidão.
Era a luta das àguias — e do abutre,
A revolta do pulso — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros,
O duelo da treva — e do clarão!...

No entanto a luta recrescia indómita...
As bandeiras — como águias erriçadas
Se abismavam com as asas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha
O arcanjo do triunfo vacilava...
E a gloria desgrenhada acalentava
O cadáver sangrento dos heróis!...

Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque da gentís palmeiras,
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina;
Eras tu — liberdade peregrina!
Espôsa do porvir — noiva do sol!...

Eras tu que com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra ,
Livre agravas a Solúmbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos do Cabrito,
Um pedaço de gladio — no infinito...
Um trapo de bandeira — na amplidão!...

CASTRO ALVES

(RECITADA NO TEATRO DE SÃO PAULO ÁOS 2 DE JULHO DE 1868)

BANDEIRA

Se vais no tôpo do mastro
de um navio, em alto mar,
as ondas sobem mais alto,
querem tôdas te beijar.

Vejo as outras, são bonitas,
são coloridas também,
mas tu tens um jeito amigo
que outras bandeiras não têem.

As outras são todas mudas,
nada, nenhuma inscrição;
tu, na legenda que trazes
nos dás severa lição.

★

★

Gosto de ver-te nos mastros,
linda, risonha, feliz,
quando andas por terra alheia
toda gente te bendiz.

Quando caminhas distante,
bandeira, aos afagos teus,
as outras te fazem festas,
de longe dizem-te adeus.

No oceano, sôlta ao vento,
todos te querem mirar,
o teu verde se confunde,
com o verde claro do mar.

Se no espaço te desdobras,
véu da paz, augusto véu,
o teu azul se confunde
com o azul sereno do céu.

DJALMA ANDRADE

BANDEIRA

O azul em cima, e, cá em baixo,
o verde eterno e sem fim;
aos lados oiro... e resume
a bandeira a pátria assim.

Aprende, filho, de cor
o que nos dita a razão:
— a Pátria quanto maior
mais cabe no coração.

Amor da Pátria (assim creio)
é troca de afetos... não?
Pois, se ela te traz no seio,
traze-a tu no coração.

Derramares pela Pátria
nas lutas, o sangue teu,
é bem lhe restituíres
aquilo que ela te deu.

BERNARDO GUIMARÃES FILHO

★

BRASIL

Belo céu de turqueza sempre claro,
refletido num mar soberbo e extenso,
grandes caudais varando o mato denso,
flor das Pátrias, Brasil, tesouro raro!

Minha mãe, minha terra, meu amparo,
lindo sólio de amor, sertão imenso,
é só na tua glória que, hoje, penso!
Zelo por teus brazões ufano e avaro!

O teu passado é fúlgido. Trabalha!
Mas guarda sempre o nome das figuras,
autoras da expressão que tens na História.

Seja essa tua fôrça na batalha,
e só assim terás o que procuras:
graça, poder, riqueza, luz e gloria!

FELIX PACHECO

ORAÇÃO DA MESTRA

Gabriela MISTRAL

Senhor! Tu que ensinaste, perdôa que eu ensine e que tenha o nome de mestra que tiveste na terra. Dá-me o amor exclusivo da minha escola: que mesmo a ânsia da beleza não seja capaz de roubar-lhe a minha ternura de todos os instantes.

Mestre, faze perdurável em mim o entusiasmo e passageiro o desencanto. Arranca da minha alma o subalterno desejo de justiça que ainda me perturba, o mesquinho assomo de protesto que sobe ao coração quando me ferem. Não me doa a incompreensão nem me entristeça o olvido dos que ensinei.

Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães para poder amar e defender, como as mães, o que não é carne da minha carne.

Dá que eu alcance fazer de uma das minhas discipulas o meu verso perfeito e deixar cravada na sua alma a minha mais penetrante melodia, que assim ainda há de cantar quando meus labios não cantarem mais. Torna-me possivel o teu Evangelho nos tempos que correm, para que eu não renuncie à batalha de cada dia e de cada hora, em prol do seu ensinamento.

Põe na minha escola democrática o resplendor que aureolava o teu bando de meninos descalços. Faze-me forte no meu desvalimento de mulher, e de mulher pobre; faze-me que despreze todo poder que não seja puro, toda pressão que não seja a da tua vontade ardente sôbre a minha vida.

Amigo, acompanha-me! Ampara-me! Muitas vezes só te terei a Ti a meu lado. Quando a minha doutrina for mais casta e mais queimante a minha verdade, ficarei abandonada dos homens, mas Tu me apertarás então contra o teu coração — êle que foi cheio de soledade e desamparo. Dá-me a sensibilidade e dá-me a profundeza, livra-me de ser confusa e banal no meu ensino quotidiano. Dá-me que eu possa levantar os olhos do meu peito ferido, ao entrar cada dia na minha escola. Que eu não leve à mesa de trabalho os meus pequenos desalentos materiais, as minhas mesquinhas dores de cada hora.

Torna-me leve a palavra no castigo e suavíssima na carícia: repreenda sofrendo, para que saiba que corrigí amando! Faze-me que seja de espírito a minha escola de ladrilhos. Envolva a chama do meu entusiasmo o seu atrio pobre, a sua sala nua. O meu coração lhe seja coluna e a minha boa vontade mais ouro que as colunas e o ouro das escolas ricas.

E, enfim, ensina-me com a palidez da tela de Velasquez, que ensinar e amar intensamente sôbre a terra é chegar ao ultimo dia com a lança de Longuinos no flanco ardente do amor.

JOSE' CLEMENTE PEREIRA

Notas baseadas nos seguintes autores:

Affonso de Taunay — Grandes vultos da Independência — Ed. Melhoramentos — 1922.

Jônatas Serrano — Epítome de História do Brasil — Edição Briguiet — 1933.

Dentre os vultos da Independência nacional, um dos que mais falam à nossa simpatia é o de José Clemente Pereira.

José Clemente, no entanto, não era brasileiro de nascimento, era-o pelo coração. Nasceu em um lugarejo de Portugal, em 1787. Lá estudou, formando-se, pela Universidade de Coimbra, em direito canônico. Só aos 28 anos de idade é que vem para o Brasil.

Aquí chegando, começou a advogar. Logo depois foi nomeado "Juiz de fora" encarregado de criar a Vila de Praia Grande (hoje cidade de Niterói). Êle próprio ajudou a medir e alinhar as praças e ruas de Niterói e a abastecê-la de água.

Era um homem bom, honesto e sincero. Tornou-se logo conhecido e querido em todo o Rio de Janeiro. Chamavam-no carinhosamente de *Zé Pequeno*.

Assim que começaram os desentendimentos entre o Príncipe D. Pedro e a Côrte Portuguesa, depois da partida de D. João VI, José Clemente tomou logo o partido do Brasil, apesar de ser português. E' que êle achava que os brasileiros tinham razão e tinham, mesmo, necessidade de organizarem suas leis próprias para poderem progredir.

Assim, quando alguns batalhões portugueses se amotinaram e quiseram que se jurasse no Brasil a constituição portuguesa, José Clemente opôs-se a êles.

Durante os acontecimentos de 1821 e que precederam à proclamação da Independência, êle firmou-se como um grande amigo do Brasil. Muitas ezes correu riscos de vida. De uma feita, recebeu várias baionetadas e uma cutilada na cabeça que o puseram doente por mais de um mês. Foi êste o seu batismo de sangue em prol da causa brasileira, diz um historiador.

Em 1822 José Clemente estava na Côrte como presidente do Conselho Municipal. E nessa época êle encabeçou o movimento popular que trabalhou para que o Brasil desobedecesse às últimas ordens de Lisboa. Todos nós conhecemos o episódio final dêsse movimento. José Clemente fêz um belíssimo discurso pedindo a D. Pedro, em nome do povo, que não fosse embora par Portugal.

E o Príncipe, depois de ouvir o discurso de José Clemente, respondeu: — "Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: *diga ao povo que fico*".

José Clemente, na mesma hora repetiu ao povo do Rio de Janeiro, aglomerado em frente ao Paço, a resposta altiva de D. Pedro. Foi êste o dia do "Fico".

Durante todo o ano de 1822 José Clemente Pereira continuou a ser um dos grandes vultos da causa da independência. Foi êle quem ofereceu ao príncipe o titulo de "Defensor Perpétuo do Brasil". Foi êle quem lhe pediu a convocação de uma constituinte brasileira; foi êle quem convocou os cidadãos fluminenses para a proclamação do novo Imperador e foi êle ainda quem lavrou o auto dessa cerimônia.

Assim, o seu nome está escrito em todos êsses documentos da história da independência do Brasil.

Depois, como Intendente geral da polícia, melhorou muito a cidade do Rio de Janeiro. Foi Ministro do Impérito e, interinamente, Ministro da Guerra.

Como era muito dedicado à pessoa de Pedro I, sofreu muitas perseguições do partido contrário.

Em 1841, depois da maioridade de Pedro II, voltou a ser Ministro da Guerra.

Mostrou-se sempre enérgico e ativo. A êle deve muito a rápida solução dada aos movimentos revoltosos de 1842, em Minas e São Paulo.

Foi, depois, senador pelo Pará.

D. Pedro II tinha por êle grande estima e admiração e, em 1850, resolve dar-lhe um título de nobreza. Mas, infelizmente, antes de receber o título, José Clemente Pereira morreu. Morre a 10 de março de 1850.

D. Pedro II, então, dá o título à sua viúva. Êste título fazia lembrar tudo o que José Clemente tinha feito pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, durante longos anos. E êle tinha feito muito: reformou o seu hospital, aumentou o seu patrimônio, construiu o Hospício D. Pedro II e o cemitério de S. Francisco Xavier.

Por tudo isto, foi muito bem escolhido, para a viúva de José Clemente Pereira, o título de *Condessa da Piedade*.

Até hoje o Brasil se lembra com carinho do muito que deve a êsse seu filho adotivo que foi bom, culto, ativo, inteligente e reconhecido à terra brasileira que tão generosamente o acolhera

Por que Barbacena ?

Com o título acima recebemos de nossa distinta e inteligente colega, Luzia de Souza, professora no Grupo Escolar de Araxá, interessante consulta sôbre história.

Ora, a história nunca independerá de julgamentos mais ou menos pessoais e sempre mais ou menos influenciados por fatos e pensamentos atuais. Assim, transmitimos a pergunta de nossa colega ao professor Manuel Casasanta, estudioso das questões de história.

E aquí os transcrevemos, a ambos: a questão apresentada pela professora Luzia de Souza e o parecer do prof. Manuel Casasanta.

QUESTÃO APRESENTADA

Costumamos honrar a memória de brasileiros ilustres, prestando-lhes pequenas homenagens. Entre estas, uma das mais usadas é a de se dar a cidades, ruas etc., nomes dêsses personagens, afim de que tenhamos sempre em vista, seus nobres e gloriosos feitos.

Ora, lendo-se sôbre a cidade de Barbacena, aprendemos que a mesma tomou êste nome, em honra do Visconde de Barbacena que acabava de vencer a Conjuração Mineira.

Será isso uma verdade histórica?

E' verdade que o Visconde de Barbacena foi um homem de lutas, que prestou relevantes serviços à coroa. Deve-se porém notar que êsses serviços foram prestados à sua pátria — o grande Portugal.

Duvido que excluido o interêsse que o ligava a Portugal, êle fizesse um único ato para bem servir o Brasil.

E' o próprio Rocha Pombo, que, em seu estudo sôbre a Conjuração Mineira, no-lo cita como déspota, vesânico, estúrdio e grandemente avesso ao sacrifício. Mostrou-se o Visconde, desde o princípio, fechado, misterioso e quasi sinistro.

Vemo-lo logo depois do fracasso da Conjuração mandando revolver todos os distritos por escoltas em sanha, pondo a terra em alaridos.

Muitos dos que estavam denunciados eram perseguidos de devesa em devesa com grande celeuma de malsins, como caça batida (Rocha Pombo).

O seu dever de patriota o obrigava a frustar os planos da Conjuração, pois a coroa de seu país sofreria uma perda valiosissima com a Independência do Brasil.

Mas a quem favorecia êsse seu trabalho?

Ao Brasil? Não; êle apenas visava enriquecer seu país em prejuizo do nosso.

Pois bem; se êsse português não nos prestou serviços relevantes; se, pelo contrário — por sua causa foram imolados heróis sublimes, porque então conservar em uma das mais prósperas cidades de Minas, um nome que nos trará sempre à memoria, os horrores dos dias de antanho, as barbaridades cometidas contra pessoas indefesas?

Por que conservar sempre um nome que nos lembrará a ânsia recalcada de milhões de corações que aspiravam apenas soerguer êsse colosso gigante por muitos e muitos anos, escravizado pela sanha feroz de Portugla?

A RESPOSTA

14 de agosto de 1791. Presente no arraial da Igreja Nova de Campolide ou da Igreja nova de Borda do Campo, o Visconde de Barbacena houve por bem criar a vila que lhe traz o nome. Assim o fez atendenlo à súplica dos povos do dito arraial e dos arraiais de Nossa Senhora a Glória de Simão Pereira e Nossa Senhora da Conceição do Engenho do Mato.

Do "Auto de creação que fez o Illmo. e Exmo Sr. Visconde de Barbacena, Governador e Capitão General desta Capitania, desta Villa de Barbacena no que era Arraial da Igreja Nova le Campolile", publicado pela Revista do Arquivo ereção da nova vila. E elas foram proce-

Público Mineiro, em seu primeiro número, constam as razões que decidiram a dentes e valiosas. Que o arraial demorava ao longo do caminho novo do Rio de Janeiro; que as questões judiciárias se resolviam, conforme os "fogos", nas distantes vilas de São José ou São João, ambas del Rei Nosso Sonhor; que careciam de sossêgo público "com a falta de polícia em que necessariamente devem viver os povos, que assim se achão retirados das Justiças". Por êsses e outros motivos, que o "Auto" registra, no mesmo dia e ano levantou-se no meio da praça e "defronte das Casas destinadas para postos de Concelho" o pelourinho da vila de Barbacena, observadas e ouvilas as solenidades e as salvas de estilo, respectivamente...

Mas passemos à pergunta que explica estas linhas. Há de parecer estranho que cabendo ao Visconde de Barbacena o papel de algoz na tragédia da Inconfidência, ainda lhe perdure o nome a velha Borda do Campo. Questão de ponto de vista. A Inconfidência significou e significa para os mineiros, ou melhor, para os brasileiros um momento de rara grandeza patriótica. E' um punhado de homens — o escol da Capitania de Ouro — que se reune e conspira pela liberdade. Mas, para os portugueses, os reinóis de então, a Inconfidência se apresentava vazia de conteúdo cívico, sendo apenas um arreganho anárquico de colonos.

Pode-se alegar e na verdade se alega a ferocidade com que a mão do Visconde esmagou os conjurados. Essa ferocidade, porém, não seria comum naquele tempo? De mais a mais, Portugal, em cujo nome agia o Visconde, teria sido condenado em sua assombrosa, imensa tarefa civilizadora, porque, sob seu império, se cometeram violências e crimes por vezes inenarráveis?

Ora, no caso particular de Barbacena, é precisa levar em conta que o Visconde lhe prestou um grande, enorme benefício, conferindo-lhe os foros de vila; que a favor do nome Barbacena milita a tradição de século e meio; que a glorificação dos Inconfidentes nasceu com a República; e que, finalmente, só se explicaria a mudança do nome da nobre terra de Crispim Jaques Bias Fortes, se, como se deu com Itabira, assim o determinasse um acontecimento de relevância nacional.

Salvo melhor juizo.

Minha Senhora! Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza da péle, Manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interesse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

Rua da Baía, 1.075 - Telefone, 2-1969

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

ECONOMIA

Nos dias difíceis que correm, e que nos levam a um futuro mais duvidoso ainda, o hábito da economia é certamente de valor inestimável.

Ser previdente afim de enfrentar calmamente as necessidades que possam surgir, é o dever de cada um e o desejo de todos. Atendendo a êsse legítimo dever e salutar desejo, há uma instituição que oferece o apôio necessário à realização da economia, como base de prosperidade: A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL. Oferecendo juros vantajosos segue de perto os interesses de seus depositantes, facilitando-lhes a aquisição de cadernetas, visto que o depósito mínimo está ao alcance de todos.

Com CINCO MIL RÉIS — 5$000 — abre-se uma conta na CAIXA ECONÔMICA. Inicia-se com essa quantia mínima o caminho para a prosperidade, porque os que sabem economizar com inteligência, terão bem cedo sua recompensa.

A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

ESPERA VOSSA VISITA E VOS DEIXA POR HOJE UM CONSELHO:

ECONOMISAI, GUARDANDO VOSSO VINTEM

NA

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

PORQUE

"VINTEM POUPADO, VINTEM GANHO"

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL: Rua da Baia, 1635

O casamento do Príncipe Rothisen

(Conto indo-chinês)

TRADUÇÃO DE J. JOBIM

Nos países do Extremo Oriente, conta-se a história do maravilhoso casamento do príncipe Rothisen.

Sabendo muitas coisas, andava êle pelo mundo à procura da felicidade. Agradava a todos pela doçura do seu olhar, por sua bondade, por sua simplicidade, enfim por êsses mil dotes do céu que conquistam os corações.

Êle era belo e bom.

Um dia em que estava parado à margem de um riacho de águas cristalinas e procurava colher uma folha de lotus para servir-lhe de copo, apareceu uma jovem escrava, com a bilha ao ombro.

— Amável menina, disse-lhe êle, queres dar-me de beber?

Ela encheu a bilha no regato e ofereceu-lha.

— Para onde levas esta água? perguntou êle em seguida.

— Vim encher a bilha para minha senhora, a filha do nosso rei. E' uma incomparável princesa, querida de todos.

Tendo bebido a largos goles, agradeceu-lhe Rothisen, e a escrava foi-se embora apressadamente.

Logo depois, quando entornava a água na cabeça de sua senhora, lhe disse ela:

— Quando eu estava enchendo a bilha, um príncipe estrangeiro me pediu que lhe desse de beber; matou a sêde na minha bilha e nunca vi até agora tão nobre aspecto nem olhar tão suave!

Enquanto ela falava, a água ia correndo e a moça princesa sentiu de repente cair nos seus cabelos um pequeno objeto.

Apoderou-se dele e, vendo que era um anel, o escondeu na mão.

— Volta a encher a tua bilha, disse ela, e observa se o príncipe ainda está à margem do riacho.

Enquanto a escrava se dirigia ao lugar onde deixara Rothisen, pensava a princesa:

— Esta linda joia é com certeza o anel do jovem prncipe. Pelo que me disser a minha serva, ficarei sabendo se se trata de um audacioso que deixou cair o anel de propósito na bilha, ou se, por vontade do céu, enquanto sustinha o vaso e bebia, êle resvalou do seu dedo para vir anunciar-me o noivo que o Todo Poderoso me destina.

A jovem escrava não tardou a voltar.

— Encontrei o príncipe em lágrimas, disse ela. Estava buscando na relva um anel mais precioso do que outro qualquer, porque era uma lembrança de sua mãe, e pediu-me que o auxiliasse a procurar.

Ouvindo isto, a princesa murmurou:

— Se êle fosse um audacioso, teria simplesmente aguardado o resultado do seu embuste. No que me está acontecendo vejo, ao contrário, a vontade do céu. Como não cooperar para a sua realização, quando também sinto que chegou para mim a hora da felicidade?

Dirigindo-se à escrava, acrescentou:

— Vai ter com o príncipe, e dize-lhe apenas isto: "No procureis mais o vosso anel, senhor. Encontrá-lo-eis quando o poderoso rei, soberano deste país, vos tiver concedido a mão de sua filha, a princesa Léo-Fa.

O rei, porém, amava tanto a sua filha que não podia resolver-se a conceder a mão dela, a nenhum pretendente. Para afastá-los, propunha-lhes problemas insolúveis, ou então lhes pedia que realizassem façanhas extraordinárias; além disso a princesa não havia manifestado inclinação por nenhum deles.

Quando Rothisen, para fazer seu pedido ao rei, compareceu na côrte, com o olhar resoluto, a confiança estampada no seu rosto viril, cada qual disse de si para si:

— Eis, finalmente, aquele que desejamos para espôso da bela Léo-Fa.

Quanto ao rei, encantado êle também mas trêmulo de mêdo com imaginar perder sua querida filha, disse de si para consigo.

— Não a deixemos vêr um tão belo moço, e submetâmo-lo a uma prova que afaste ainda o momento da separação.

Pedu êle então que trouxessem um grande saco de arroz, e disse a Rothisen:

— Todos estes grãos trazem um sinal que podes ver: foram contados. Na tua presença, vão ser espalhados pelos jardins, pelos campos, pelos bosques da vizinhança. Se tu os trouxeres amanhã aquí, sem que falte um só, reconhecerei por êsse fato que teu pedido merece ser levado em consideração.

Assim foi feito.

Rothisen, levando o saco vazio, voltou à margem do regato. Aí ajoelhando-se, exclamou:

— O' vós todos, pássaros do céu, insetos do ar, formigas da terra, não comais os pequenos grãos de arroz que acabam de chover sôbre o solo. Não ponhais obstáculos ao mais ardente dos meus desejos; muito ao contrário, ajudai ao meu amor.

E vós, gênios protetores do país, se acreditais que a minha união com a princesa será um bem para os povos, fazei com que os seres que eu invoco ouçam a minha prece.

Emquanto êle assim falava, alegres gorgeios se fizeram escutar nos ramos. Fôra ouvido; fôra atendido, e de toda a parte os pássaros traziam ao saco os grãos de arroz dispersos sôbre o solo.

Rothisen dirigiu-lhes palavras carinhosas e agradeceu-lhes.

Pasmado com tal prodígio, o rei no dia seguinte mandou levar o saco para a margem de um grande rio; os grãos foram atirados para o ar sôbre êle, e o soberano disse logo em seguida a Rothsen:

— Quero que m'os apresentes esta tarde.

Como os pássaros, também os peixes serviram ao príncipe.

Mas quando foi feita a conta, disse o monarca:

— Falta um grão de arroz; volta para procurá-lo.

Sentado na margem, Rothisen chamou os peixes:

Será possível, meus amigos, que um grão se tenha perdido?

Ide buscá-lo nas areias ou nas vasas, em qualquer lugar onde esteja, até mesmo no corpo de um de vossos irmãos que, não havendo escutado o meu rôgo, tivesse, por acaso, se servido dele para alimentar-se. Não quero crêr que algum perverso o tenha querido esconder e guardar.

A felicidade de minha vida depende desse grãozinho.

Todos os peixes se entreolhavam surpresos, quando um deles, oculto atrás dos outros, se aproximou:

— Peço ao príncipe que me perdôe, porque sou eu o culpado.

Aquí está o último grão. Eu o havia escondido, imaginando que êsse furto passaria despercebido.

Como único castigo, Rothisen, com a ponta do dedo, deu-lhe um leve piparote no focinho. Levou o derradeiro grão ao rei e desculpou-se com tanta graça da demora que o soberano, encantado, assim falou:

— Vejo sobejamente que és um querido do céu; de modo que só te vou submeter a uma última prova:

— Amanhã, antes da ceia, tôdas as filhas dos príncipes e dos grandes da côrte, tôdas quantas vivem neste palacio enfiarão um dos dedos pelas frestas que há no tabique da grande sala. Ficarás diante de toda a fila de dedos estendidos; se advinhares então qual é o da princesa Léo-Fa, a ceia já será a dos esponsais, e para que minha filha possa permanecer junto de mim, te oferecerei minha coroa, bem como todas as minhas riquezas.

No dia seguinte, trêmulo de mêdo, mas com a prece nos lábios, Rothisen passava revista nos pequenos dedos ponteagudos que havia alí às centenas, quais mais lindos uns do que os outros.

Bem depressa, entretanto, estacou diante de um deles. Entre a unha e a carne dá com os olhos num grãozinho de arroz. Ajoelha-se alí mesmo, afaga o dedo e beija-o.

Rothisen é levado à presença de sua noiva e reconhece no seu anular o anel perdido. Emquanto, feliz, êle chora suavemente, o rei em pessoa o ajuda a erguer-se, aos sons harmoniosos de uma música celeste, e em meio das aclamações da côrte em festa.

Origem: Doação
Preço: —